

Religião na MetrÓpole ¹

José Guilherme Cantor Magnani

A porta do templo, seja uma pequena e discreta casa de bairro, ou um edifício imponente e facilmente reconhecido, está sempre aberta: não é preciso ser membro da Igreja Messiânica Mundial para entrar em algum dos 87 endereços disponíveis na cidade de São Paulo e receber o *johrei*, ritual de purificação que canaliza energia através da imposição das mãos, para alívio tanto no corpo quanto no espírito do receptor.

O toque dos atabaques é inconfundível: anuncia o começo da *gira* semanal num dos incontáveis centros de umbanda da cidade e não é preciso ser filho-de-fé para receber um *passé* do caboclo ou conselho do preto velho. É dia da sessão de caridade e todos são bem vindos em sua busca de ajuda para as aflições e perplexidades que a vida na grande cidade parece multiplicar.

Era um antigo e famoso cinema que agora, reformado, recebe a multidão de fiéis para leitura da bíblia, sessões de cura e louvores ao Espírito Santo; as portas estão abertas, não é preciso pertencer à igreja para logo ser encaminhado pelo solícito *obreiro* até o centro da assembleia: se for dia e hora de exorcismo, o pastor não vai deixar de interpelar e expulsar algum *encosto* causador de vícios, doenças e desavenças familiares.

E os exemplos poderiam continuar : missas, bênçãos, novenas, procissões, promessas, giras, saídas de orixás, sessões de jogo de búzios, descarregos, benzimentos, consultas astrológicas e de tarô, meditação transcendental, sessões de *shiatsu*, *hatha-yoga*, massagem *ayurvédica*... A lista parece não ter fim: em cada canto da cidade é possível encontrar uma espécie de oásis, discreto ou bem visível que, no meio da agitação característica da vida urbana, oferece uma pausa propícia ao recolhimento, à oração silenciosa, ao encontro com alguém disposto a ouvir, a dar um conselho, fazer uma imposição de mãos ou conduzir um trabalho corporal para realinhar os “chakras”.

Esta é a primeira impressão que se tem quando se olha a religião de uma forma ampla, em suas inúmeras modalidades e em sua relação com a cidade – principalmente na

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi publicada no catálogo da exposição “Diversidade religiosa no Brasil”, Palácio do Itamaraty, 19/10 a 19/11 de 2006, Brasília, DF.

escala metropolitana, como é o caso de São Paulo. Há muitos espaços, para todos os credos e, o que é mais surpreendente, pode-se circular por eles sem necessariamente ser um adepto. Ao contrário de localidades menores, onde a oferta dos serviços religiosos é reduzida e a filiação sujeita a um controle social mais atento, no contexto de uma grande metrópole a vivência religiosa tem mais alternativas de exercício e manifestação.

Antes, contudo, de apreciar mais de perto a paisagem religiosa característica de São Paulo, aqui tomada como exemplo e protótipo de um grande centro urbano contemporâneo, convém pensar, desde um ponto de vista conceitual, as relações entre cidade e religião.

A começar por “religião”, termo genérico e abrangente que, apesar ser aplicado a um variado conjunto de experiências, revelações, ritos e doutrinas, de certa forma aponta para um eixo comum: a busca de contato com um outro plano que transcende as vicissitudes do cotidiano e lhes dá um sentido. Parafraseando uma conhecida citação do antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1978)², pode-se dizer que na base de toda experiência religiosa há, em graus variados, uma tríplice procura: a busca de uma justificativa (e alívio) para o sofrimento, de um sentido para a perplexidade e a percepção da finitude e de uma motivação para o comportamento moral. Segundo esse autor, a sensação de falta de ordem que ameaça o homem nos limites de seu poder de suportar o sofrimento, de sua capacidade analítica e do sentimento de ruptura ética – quando a injustiça é que parece ser recompensada – impele-o para uma dimensão onde essas contradições se resolvem, numa ordem superior. Este é o plano do sagrado que, na multiplicidade de suas formas históricas e culturais, desde aquelas praticadas em pequenas comunidades até as religiões universais – assim chamadas por sua difusão e grau de institucionalização – oferece um sentido ordenador mais amplo.

A cidade, por sua vez, apresenta um ambiente onde as práticas religiosas encontram condições especiais de desenvolvimento e manifestação. É claro que, sendo a religião, como foi mostrado acima, expressão de uma experiência estreitamente associada à capacidade humana de simbolização, independe de lugar, forma de assentamento ou

² “ (...) portanto, sem mais cerimônias, uma religião é: um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas” (op. cit.: 104,105)

organização social: fez-se presente, de diferentes maneiras, ao longo do processo de hominização, como indicam os vestígios de cultos e práticas religiosas descobertos por pesquisas históricas, arqueológicas e até paleontológicas em remanescentes de acampamentos de grupos caçadores e coletores, nas aldeias de agricultores do neolítico e ou em ruínas de cidades antigas.

No entanto, a cidade constitui um caso especial. Diferentemente das demais modalidades de assentamento humano – o acampamento e a aldeia, aqui tomadas em sua forma estrutural e não na infinidade das realizações históricas – o núcleo urbano, desde as mais remotas realizações propicia padrões de relacionamento e sociabilidade entre seus moradores que diferem daqueles encontrados nas primeiras aldeias de agricultores ou num acampamento de nômades do paleolítico, por exemplo. Nesses, são principalmente os vínculos instituídos pelo parentesco que definem as hierarquias, as obrigações, as regras de troca. Os parceiros estão ligados por laços, seja de descendência, seja de afinidade e é ao longo dessas redes, consolidadas em parentelas, linhagens e clãs, que se definem as regras de convivência, os códigos de deveres e direitos, as relações sociais, em geral – entre as quais as de cunho religioso. A importância dos cultos aos ancestrais nessas populações atestam a profunda imbricação entre religião e parentesco: os ritos, as lealdades, as prescrições, os tabus e demais manifestações concretas da atividade religiosa se dão entre pessoas que se vêem como membros de conjuntos em que reconhecem origens comuns, traçam filiações e tecem alianças.

Na cidade, contudo, aparece a figura do estranho, do estrangeiro, daquele que não se enquadra na malha constituída pelas sólidas e seguras alianças familiares estabelecidas. Não se sabe de onde ele veio, quem são seus ascendentes; no entanto, ele aí tem lugar, pode mostrar suas habilidades, vender seus produtos. Às vezes não é bem visto, pois tem hábitos estranhos, chocantes por vezes, mas é tolerado, pois o que oferece é diferente e necessário à crescente complexidade da vida urbana. E ele tem seus deuses, altares e ritos, com uma forma peculiar de venerá-los: a expressão pública do culto é sujeita a negociações nem sempre isentas de conflitos.

É preciso deixar claro que este é um quadro geral, uma espécie de modelo que serve antes para identificar um sistema de relações do que para descrever casos concretos: não há como negar os incontáveis casos de disputas, enfrentamentos e guerras desencadeadas por

causa de controvérsias religiosas, ao longo da história, nos mais diversos contextos, urbanos ou não. Na realidade, não é a cidade em si que garante o espaço de tolerância e as condições para a convivência com as diferenças, mas um atributo que se aplica a algumas delas.

Trata-se do caráter *cosmopolita* de alguns núcleos urbanos que, para além das fronteiras domésticas, constituem entroncamentos de rotas por onde circulam pessoas, idéias, inovações e artefatos das mais variadas e longínquas procedências. Não necessariamente essa característica está associada ao tamanho da cidade, ou à sua importância em termos econômicos, mas a uma espécie de *ethos* particular, como se pode ver no exemplo narrado nos Atos dos Apóstolos (17, 16-34) sobre a chegada de do apóstolo Paulo para pregar a doutrina cristã em Atenas. Como procede ele? No meio do panteão dos deuses aí cultuados, havia um nicho, vazio, dedicado ao “deus desconhecido”. Foi amparado por essa evidência concreta de tolerância e curiosidade com o novo, próprias dessa cidade da antiguidade clássica acostumada com o debate, com a controvérsia, com as discussões no *ágora*, que o arauto de uma nova religião pode pregar sua doutrina cujo núcleo era a promessa de salvação em uma vida futura, feita por um judeu dissidente que morrera crucificado e que ressuscitara depois de três dias... proposta, sem dúvida, muito estranha à mentalidade grega de então.

Assim, se a presença das diferenças é elemento constitutivo da *forma-cidade*, em todos os setores – e a religião é um deles – sua aceitação, a convivência com elas, a tolerância, enfim, dependem dessa característica, o cosmopolitismo, que às vezes é tomada como sinônimo de um outro termo, hoje muito em voga, a globalização. Na realidade, o caráter propriamente cosmopolita de uma cidade e sua capacidade de aceitar e conviver com o diferente são resultantes de um conjunto mais complexo de fatores – históricos, demográficos, políticos, culturais – do que um efeito direto do tamanho ou do papel que ocupa na economia mundial. Ou nas palavras do antropólogo Ulf Hannerz: “...um cosmopolitismo genuíno é antes de mais nada uma orientação, uma disposição para entrar em contato com o Outro. Implica uma abertura intelectual e estética em direção a experiências culturais divergentes, uma busca por contrastes, mais do que por uniformidades” (1996, p.103).

E é nessa perspectiva que a pluralidade religiosa em São Paulo pode ser apreciada. Como se sabe, o crescimento e consolidação da capital paulistana deveu-se à contribuição de correntes migratórias nacionais e estrangeiras que deixaram, ao longo dos anos, suas marcas na paisagem, dinâmica e repertório cultural da cidade. Num rápido panorama cabe registrar, em diferentes momentos de chegada e ocupação, a presença de trabalhadores ingleses da estrada de ferro nas imediações da estação da Luz; de italianos vindos do Vêneto, Nápoles, Bari ou Calábria nos bairros do Brás, Belém, Barra Funda, Bela Vista, entre outros; a dos alemães em Santo Amaro e posteriormente também na Vila Mariana e em Santana; de orientais na Liberdade (mas os nativos de Okinawa ficaram inicialmente em torno do Mercado Central); de judeus no Bom Retiro; libaneses no Brás, Paraíso, Ipiranga; dos nordestinos em São Miguel Paulista (mas não só lá); e isso para não falar na presença de negros no Bexiga e Santana, de latino-americanos na Mooca e Pari e na dos espanhóis, portugueses, lituanos, ciganos – além das correntes migratórias mais recentes – em outros espaços da cidade. E o padrão de ocupação não foi o do gueto: atualmente o Brás é caracterizado pela presença de nordestinos; os judeus, que se transferiram para Higienópolis, deixaram o Bom Retiro, hoje ocupado principalmente por coreanos e bolivianos; já no Bexiga convivem negros (com a famosa escola de samba Vai-vai) e descendentes de italianos, com sua tradicional festa de Nossa Senhora de Achiropita (já na 83ª edição) que acolhe em torno de 200 mil visitantes, nos onze dias de festa aos sábados e domingos durante o mês de agosto. Este panorama, restrito à região central e mais antiga não leva em conta outros bairros de classe alta e média e, principalmente, a extensa periferia da cidade.

São símbolos dessa presença os templos, catedrais, santuários, mesquitas, sinagogas, igrejas, capelas, cemitérios, oratórios, pagodes, zendôs, tendas, terreiros, ilês, espalhados por todos os bairros da cidade e que, com seus ritos, cerimônias, devoções e festas públicas atestam a pluralidade das origens religiosas de seus moradores.

Toda essa variedade de locais de culto, visível na paisagem da cidade, é também reveladora de um outro plano, o das possibilidades de escolha, entre as várias vertentes de uma mesma religião. Assim, no budismo, tem-se a linha tibetana representada, em suas diferentes versões, pelo Instituto Nyingma do Brasil, Centro de Dharma da Paz Shi De Choe Tsog, Chagdud Gonpa Odsal Ling, Centro Budista Mahabodhi, Kagyu Dak Shang

Choling, entre outras instituições; a escola Theravada (Casa de Dharma); as escolas de tradição japonesa Soto-zen (Templo Bushinji), Jodo Shinshu Hongwanji-ha (Budismo da Terra Pura), assim como as chamadas novas religiões – Soka Gakai, Perfect Liberty, Igreja Messiânica Mundial, Seicho-no-iê, (de inspiração budista mas de formato mais moderno), como também a Associação Internacional Buddha's Light do Brasil, chinesa, cujo templo está na cidade de Cotia, na Grande São Paulo).

Na Igreja Católica, o leque vai da ultra conservadora Tradição Família e Propriedade até as (já nem tanto) combativas Comunidades Eclesiais de Base, passando pela Renovação Carismática, Canção Nova, pastorais específicas (para surdos, moradores de rua), as chamadas Comunidades de Vida e Aliança (Toca de Assis, Aliança da Misericórdia), os cultos de cunho popular como a devoção a Santo Expedito, a São Cristóvão, às almas (na Igreja da Santa Cruz do Enforcados), a peregrinação ao túmulo do agora santo Frei Galvão – além do seu ramo oriental, com as comunidades das Igrejas Ortodoxas (maronita, grega, russa, síria, etc.). No campo protestante, há as denominações históricas (Igreja Anglicana, Episcopal, Presbiteriana, Batista, Metodista etc.) ligadas aos grupos de imigrantes, além das pentecostais (Congregação Cristã do Brasil e Assembléia de Deus) e das mais recentes, as neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Renascer em Cristo etc.) – além dos inúmeros grupos *gospel*, espaços jovens de lazer.

No campo afro-brasileiro, o candomblé aparece com suas várias “nações” (quetu, angola, ijexá) e orientações (os re-africanizados que propõem, em busca de autenticidade, uma volta às origens na África e os que se mantêm ligados às linhagens tradicionais da Bahia); na umbanda, o leque é mais amplo ainda, enquanto no espiritismo é possível vislumbrar até uma vertente ligada à Nova Era, difundida pela família Gasparetto, além do “Divinismo”, uma proposta recente de renovação do kardecismo. No judaísmo, longe da região central por onde circulam membros do ramo mais tradicional, os ashkenazitas, um grupo de fiéis da Assembléia de Deus passou a se identificar como *bnei anussim* – descendente de judeus convertidos ao cristianismo – e cria a sinagoga Beith Israel na longínqua periferia de São Paulo da zona leste, onde praticam um judaísmo ortodoxo, conforme seus padrões de entendimento desta tradição.

Certamente uma cidade de menor porte pode ter algumas dessas possibilidades, mas não todas elas, como é o caso da cidade de São Paulo e este é o diferencial da escala da metrópole. Contudo, não é só a variedade de opções que chama a atenção. Pode-se ir além e distinguir alguns princípios que estão na base da dinâmica religiosa metropolitana. Assim, a matriz católica de molde popular – aquela de “muita reza e pouca missa”, “muito santo e pouco padre” –, nada afeita a minúcias teológicas ou lealdades doutrinárias, certamente deixou suas marcas na forma de religiosidade do Brasil e é um dos fatores a considerar na aceitação das diferenças e nas trocas entre as várias religiões. O sincretismo, que até há pouco era considerado com um fator de desagregação ou sinal da pouca coerência interna de alguma prática religiosa (geralmente referido aos cultos afro-brasileiros entre em si ou em relação com a Igreja Católica), começa a ser encarado como um padrão constitutivo de trocas e influências mútuas entre sistemas religiosos de uma forma geral. (Sanchis, 1994).

E se há um domínio onde o sincretismo é a regra incontestada é o do *neo-esoterismo*, termo que designa formas de religiosidade não institucionais denominadas ora místicas, ora esotéricas, ou ainda *New Age* – e que juntam livros de auto-ajuda (Paulo Coelho é o *top* de vendas), oráculos e sistemas divinatórios como o I-Ching ou o Tarô, rituais ocultistas, práticas corporais, terapias ditas alternativas, lojas de produtos “naturais”, incensos, imagens de anjos e duendes. Esse fenômeno, que já foi considerado uma espécie de “religião pós-moderna”, é geralmente encarado como uma imensa *bricolagem*, resultado da livre escolha e junção de elementos tirados das mais diversas linhas e filosofias, desde tradições orientais até o xamanismo indígena e rituais *wicca*, evocando as experiências da contracultura dos anos sessenta.

Fazem parte desse conjunto instituições tão diferentes como a Fraternidade Pax Universal, o Instituto de Pesquisas Xamânicas-Paz Géia, o Instituto de Naturopatia Ponto de Luz, o Centro Esotérico da Comunhão do Pensamento, a Livraria Spiro, o Espaço Alquimia Interior, o Spa Holístico Hecriar, a Associação de Massagem Oriental, Triom Centro de Estudos, a loja de produtos esotéricos Alemdalenda, a Unidade Holística Expansão Cósmica e muitas outras que, apesar da diversidade, apresentam uma lógica tanto espacial como de propósitos: situadas geralmente em bairros de classe média, definem um certo estilo de vida que inclui, como um dos fatores do desenvolvimento das potencialidades pessoais, a busca por novas formas de espiritualidade – acessíveis, abertas,

sem mecanismos exclusivistas ou sectários de adesão. Na realidade, as chamadas práticas neo-esotéricas não constituem um movimento homogêneo, mas um *circuito* por onde se pode circular sem exigência prévia de adesão incondicional ou definitiva.

Assim, se o neo-esoterismo é um bom exemplo de sincretismo, também ilustra uma outra característica que pode ser encontrada em várias formas das religiões na metrópole: as passagens, as trocas. É uma peculiaridade que se verifica em muitas práticas: em vez da conversão definitiva, o trânsito; em vez da filiação exclusivista, duplos ou mais pertencimentos, simultâneos ou sucessivos. O exemplo mais conhecido é o do católico que procura, principalmente quando enfrentado com perdas na família, centros espíritas em busca de contato com o espírito do morto por meio de mensagens psicografadas; outro caso é o da iaô que costuma completar a cerimônia de iniciação a seu orixá assistindo a uma missa católica e recebendo a comunhão, ou ainda de membros de diferentes credos ou mesmo de não crentes que não hesitam em recorrer à cartomante, ao jogo de búzios, ao astrólogo em busca de alguma certeza em momento de dúvida ou sofrimento.

Os exemplos se multiplicam; não obstante esse nomadismo, entretanto, é preciso observar que não se pode circular por todas as formas de religião e culto, de forma indiscriminada; algumas são mais restritas, seja por um gênero de filiação que se herda por descendência, como no caso da religião judaica e que gera um tipo de lealdade peculiar; seja pelo caráter iniciático como ocorre na maçonaria, nas Fraternidades, nas religiões com base no uso da planta *ayahuasca*: não se pode ir entrando, sem mais, numa sinagoga, numa reunião do Santo Daime, ou em ritos fechados de uma loja maçônica.

Mesmo assim, não há maiores conflitos, não ao menos nas dimensões que ocorrem em outras partes do mundo. Além das razões já expostas, é preciso lembrar-se que no caso de São Paulo (e no Brasil, de forma geral) não há o que se pode chamar de “englobamento” de lealdades, quando uma opção religiosa é subsumida por pertencimentos de outra natureza – principalmente do tipo nacionalidade, opção político-partidária, fronteira étnica, origem racial ou vínculo clânico. Muitas vezes sobrepostas e, por isso, potencializando-se, constituem os motivos que geralmente estão na raiz de graves conflitos como os que ocorriam entre protestantes e católicos na Irlanda ou muçulmanos e católicos na região dos Bálcãs, entre judeus e palestinos, xiitas e sunitas no conturbado Oriente Médio, entre

separatistas muçulmanos e hinduístas na fronteira entre Índia e Paquistão e em vários outros contextos marcados pelo de fundamentalismo.

Em contraposição, na cidade de São Paulo não deixa de ser significativa a proximidade, em torno da estação *Paraíso* do metrô, de três templos: uma igreja católica, Santa Generosa, a catedral ortodoxa síria e a igreja de Nossa Senhora do Paraíso, greco melquita. Já no bairro da *Liberdade*, ao lado de templos budistas e xintoístas, convivem a primeira igreja metodista, a igreja maronita e uma ortodoxa russa, além da Igreja da Santa Cruz dos Enforcados, católica e de uma das mais antigas casas de artigos religiosos dos cultos afro-brasileiros....

Certamente as relações entre algumas denominações neopentecostais com outras religiões nem sempre são das mais amistosas – quem não lembra do famoso “chute na santa”, a imagem de N. S. Aparecida, durante uma transmissão de programa televisivo da IURD – no entanto, essas tensões não redundam em conflitos generalizados ou de maiores proporções. Com relação às religiões afro-brasileiras, o processo é mais de “antropofagia”: ao exorcizar “encostos” que identificam em seus fiéis, alguns pastores terminam reconhecendo e reforçando a crença na presença e poder dessas entidades. Mesmo no campo aparentemente mais pacífico como o do budismo, há divergências, muitas delas motivadas por querelas e conflitos nos contextos de origem e que repercutem nas comunidades; no entanto, ainda que possam até ser levadas ao plano judicial (Usarski, 2006), não têm maiores conseqüências no nível da convivência cotidiana entre seus membros.

E para terminar a caracterização da paisagem religiosa de São Paulo, é preciso, finalmente, levar em conta o próprio tamanho da cidade. Além daqueles espaços religiosos, anteriormente classificados como pequenos oásis espalhados no tecido urbano, o tamanho da população e a extensão do território mantêm uma proporcionalidade com a imponência de algumas edificações. Mas já não é a arquitetura católica oficial que se impõe, soberana, na ambientação urbana: além da catedral da Sé, ainda referência como centro de manifestações religiosas e cívicas, outras pontuam a cidade: o “Solo Sagrado” da Igreja Messiânica Mundial, apresentado como “protótipo do Paraíso terrestre”, situado numa área verde de 327 mil metros quadrados à margem da represa de Guarapiranga; o “Santuário do Templo Bizantino”; a sede mundial da “Igreja Pentecostal Deus é Amor”, de Davi Miranda

(com capacidade para mais de 60 mil pessoas); a “Mesquita Brasil” no bairro do Cambuci; o “Templo Zu Lai” (da Associação Internacional Buddha's Light do Brasil), entre outros. Ainda na chave da escala metropolitana pode-se mencionar também a ocorrência de mega manifestações como as Marchas de Jesus, de evangélicos, as missas multitudinárias por ocasião das visitas do Papa, o carnaval carismático do padre Marcelo, as *raves gospel*, as comemorações do *Vesak* (que celebra o nascimento, a iluminação e a morte do Buda) a festa de São Jorge/Ogun no Ginásio de Esportes do Ibirapuera etc.

Concluindo: se num primeiro momento tem-se a impressão que à magnitude da diversidade religiosa em uma cidade do porte de São Paulo corresponderia uma proliferação desordenada dos mais diferentes sistemas, gerando tensões, um olhar mais atento percebe que, definitivamente, não se está diante de uma Babel. Há regularidades, mesmo quando as trocas parecem ir além do campo religioso, estabelecendo parcerias e arranjos aparentemente esdrúxulos como o contato entre *straight edgers*, jovens roqueiros da cena *hardcore* (cuja opção de vida inclui o veganismo) e os *hare krishnas*, a quem recorrem em busca de refeição sem ingredientes de origem animal para seus festivais; colóquios e *workshops* entre pajés e psicanalistas, em busca dos caminhos místicos da viagem xamânica, na aldeia e na cidade; entre evangélicos e surfistas, na Igreja Bola de Neve Church; entre o conservadorismo protestante e a constituição de espaços *friendly* de culto para homossexuais...

Esse panorama nada tem de insólito, quando considerado no contexto de sua ocorrência privilegiada, o da cidade e numa escala específica, a da metrópole. É próprio da cidade abrigar as diferenças – *o ar da cidade torna livre*, reza o antigo adágio medieval e isso, como no caso aqui descrito, se aplica também às escolhas no campo religioso. Uma cidade cosmopolita como São Paulo não apenas acolhe as diferenças religiosas de seus moradores, mas permite que elas sejam exercidas, manifestadas e tornadas públicas. As dificuldades e embates que possam ocorrer em função das modalidades de contato, das trocas e dos caminhos de negociação, seguem o padrão geral da cultura urbana para o qual não apenas a diversidade mas também os canais e instrumentos conquistados para seu exercício, como direito de cidadania, têm sua raiz na própria constituição da *forma-cidade*.

Quem sabe a estratégia seguida pelo apóstolo Paulo no Areópago de Atenas, no início de sua pregação tenha, de alguma forma, ecoado no Pátio do Colégio, origem da cidade que leva seu nome.

Bibliografia

1. Geertz Clifford. – “A religião como sistema cultural” , in *A interpretação das culturas*, Rio, Zahar Editores, 1978
2. Hannerz, Ulf - *Transnational connections. Culture, People and Places*. London, Routledge. 1996, p.103
3. Magnani, J.Guilherme – *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo, Livros Studio Nobel Ltda, 1999
4. Sanchis, Pierre - apud Steil, Carlos Alberto et alii, *Religião e Cultura Popular*, Rio de Janeiro, DP&A editora, 2001
5. Usarski, Frank – “Conflitos religiosos no âmbito do budismo internacional e suas repercussões no campo budista brasileiro”. *Religião e Sociedade*, vol.26, n. 1 ano 2006